

Extrato da resenha - Ecos da Alma Feminina

As Constelações de Evas e a costela de Adão

Araíê Prado Berger - Mestre em Ensino nas Ciências da Saúde, especialista em Psicologia Hospitalar e Psicologia Clínica. Atua como psicoterapeuta junguiana.

Quando mulheres se reúnem com um só propósito, algo se alinha nos astros, a conjunção entre a prosa espontânea e a poesia serpenteia no ar. E entre trigonos e quadraturas, palavras são estrelas.

Encarar os desafios do papel em branco nos vãos do tempo, nas fissuras da rotina, exige um aquietar-se. Regidas por uma sobrecarga mental e pela luta diária, ainda mais em tempos de pandemia, escrever exige uma recuperação do fluxo interno. Parir um texto é sempre partir de si.

Na busca de respostas para a clássica pergunta de Freud, “o que quer uma mulher?”, cada uma das autoras, de certa forma, abandona tentativas de explicação e encontra, em outras perguntas, questões ainda maiores. O eu, o desejo, o outro:

Cadê em mim o que outrora foi seu? Por que toda história de amor precisa girar loucamente como um furacão? Não poderia ser uma brisa?

Que mulher é essa que busca se empoderar, ser dona de si mesma mas, mesmo sem perceber, entrega a vida nas mãos de um outro até ficar doente?

Quem sabe essa dor possa se transformar? Pra que guardar o amor? O que me retém neste labirinto? O patinho era mesmo muito feio?

Encontrar a nossa forma única e intransferível de escrever exige um enorme respeito para com nossos sentimentos. Há um despir-se, um desnudar-se, um momento de intimidade. A honestidade ultrapassa

o mero apontamento. Naquele momento, capta-se um registro da alma, uma imagem se forma. Qual gosto, forma, cor, aroma, o que circunda essa ideia?

Considerações muitas vezes inconclusas, fragmentadas, partidas. Imagens que sob o efeito das nossas emoções são como pequenas lágrimas criando círculos concêntricos na água. Não importa. E como se escutássemos um eco longínquo, nossos pensamentos vão se destacando no papel. Há uma entrega, é um ato de amor. Assim se encontra a linguagem.

A voz literária exige coragem. A coragem em expor vulnerabilidades.

Mais tarde, depois que o texto “decantou”, com a mesma consideração que teríamos por um texto alheio, ajeitam-se as

regências, a ortografia, e entram em cena os princípios do rigor e da economia. Mas deixar que a autocrítica recuse o papel em branco é como cobrir uma flor com cinzas.

Entre silêncios, Ecos da alma feminina retrata um jogo entre quem somos, a imagem refletida e suas ressonâncias – e o que a alma ecoa?

Em Ecos da alma, mulheres entrelaçadas por suas vicissitudes conjugam o verbo, ressignificam adjetivos, pinçam substantivos e encontram nas figuras de linguagem a sua voz. A voz que agora não é mais um eco dependente do som e do silêncio do outro. É a alma que vai em busca de Eros.

Entre elos, cria-se um laço.

